

Área de Integração

Módulo 1 Tema/Problema 1.2

Professor Paulo Gomes

Documento 5 - A socialização primária. A família como agente de socialização

Texto 1 - A importância da socialização na nossa vida

De certeza que a maioria das pessoas já ouviu falar em socialização. No entanto, muitas delas não sabem o que significa essa palavra. A socialização é o processo através do qual nós vamos interiorizando hábitos e características que nos tornam membros de uma sociedade. A socialização é um processo contínuo, que se inicia após o nascimento e se faz sentir ao longo de toda a nossa vida, terminado apenas quando morremos.

Existem dois tipos de socialização: a socialização primária e a socialização secundária. Podemos definir socialização primária como sendo o processo pelo qual os seres humanos aprendem as coisas mais básicas da vida, tais como comer com talheres, andar, falar, vestir-se sozinhos, entre muitas outras. Estas “regras” são-nos ensinadas fundamentalmente pelos nossos pais e pela escola, grupos sociais primários (a escola pode ser considerada um grupo social intermediário). Por exemplo, quando aprendemos a falar estamos a sofrer um processo de socialização primária e quem nos faz passar por esse processo são os nossos pais. A socialização primária levou-nos a interiorizar um conjunto de “regras” que faz com que estejamos integrados numa determinada sociedade. Como tal, este processo constitui um papel imprescindível na nossa vida.

Relativamente à socialização secundária, esta também é um processo de aprendizagem mas, tal como o nome indica, é secundária. Isto significa que passamos por este processo quando nos deparamos com novas situações sociais ao longo da vida e temos de nos adaptar a essas situações que exigem a nossa integração em novos grupos sociais secundários, por exemplo, quando mudamos para uma escola nova, ou quando alguém muda de emprego, necessitando de se adaptar às regras de funcionamento da nova empresa. Outro exemplo: quando nos casamos temos de nos habituar a uma nova forma de vida, viver com uma pessoa, partilhar os mesmos problemas, etc. Nem sempre é fácil uma adaptação a novas situações porque quando nos acomodamos a uma certa situação temos dificuldade em aceitar que a vida muda e as coisas já não funcionam da mesma forma.

Ao longo de toda a nossa vida estamos constantemente a ser postos à prova e a passar por processos de socialização secundária. Cada nova situação que nos surge exige de nós uma nova adaptação.

Por este motivo, a socialização é o processo que permite a cada indivíduo desenvolver a sua personalidade e efetuar a sua integração na sociedade. Se repararmos, dois indivíduos reagem de forma completamente diferente perante a mesma situação, porque cada indivíduo é único e a sua personalidade também.

Como tal, resta apenas mencionar que é o facto de estarmos diariamente sujeitos a este processo que nos torna seres integrados numa sociedade e nos torna naquilo que somos.

| <http://psicob.blogspot.com/2008/01/socializacao-importancia-na-nossa-vida.html>

(Texto adaptado).

Texto 2 - A família

É com os membros da família que a criança inicia o seu processo de socialização e é igualmente nela que encontra os primeiros objetos de apego. Vários estudos defendem que o adulto desempenha, nesta fase, um papel fulcral nos afectos como fonte de estimulação do bebé.

Se o bebé receber uma boa estimulação vai desenvolver-se de forma mais harmoniosa e a sua inteligência tenderá a ser mais ativa e mais avançada.

Há que ter em conta que desde tenra idade a criança compreende que a resposta imediata dos pais aos seus apelos significa que os seus atos podem exercer um efeito nas pessoas e no meio ambiente. Se as respostas dos pais forem ricas e consistentes, a criança vai sentir-se encorajada a explorar o seu ambiente, desenvolvendo melhor as suas capacidades e tornando-se mais curiosa em relação ao que a rodeia.

Importa salientar que as famílias têm características diferentes. Os pais podem sofrer numerosas situações de stress (problemas económicos, excesso de trabalho, um número elevado de filhos, etc), o que lhes pode diminuir, significativamente, não só o tempo disponível para interagirem com os filhos como a sua própria disponibilidade mental para atender às suas necessidades.

A interação afectiva existente entre pai/filho está diretamente relacionada com a aceitação da criança por parte dos companheiros e da aceitação dos companheiros relativamente à criança. Os pais e as mães das crianças que são bem aceites pelos colegas raras vezes recorrem ao castigo físico para repreenderem os seus filhos. As mães destas crianças recorrem muito pouco à negação de privilégios como forma de castigo, enquanto os pais fazem avaliações favoráveis às suas competências (condutas que podem ser interpretadas como sinais de aceitação). Do exposto, conclui-se que a atitude dos pais é essencial para o bom desenvolvimento da criança, porque uma inadequada relação com as figuras de apego (pai ou mãe, em geral) são factores impeditivos para a criança se sentir segura e independente, o que lhe dificulta e reduz a interação com o grupo de pares (com as crianças da sua idade). Ao não adquirir competências sociais, a criança fracassa nas poucas tentativas que faz para se aproximar das outras crianças, fracasso que contribui, uma vez mais, para diminuir a sua competência social.

Os pais não são, no entanto, os únicos elementos da família a ter em conta relativamente àquele que consideramos ser o primeiro processo de socialização da criança. A relação com os irmãos não pode ser remetida para segundo plano uma vez que a família nuclear não é apenas constituída pelos pais da criança. As relações existentes entre os irmãos assumem também um importante papel no que respeita ao seu desenvolvimento.

Segundo alguns estudos, os pais vão modificando os seus métodos de aplicar a disciplina aos filhos à medida que a família vai aumentando. A este respeito, pode afirmar-se que os pais de famílias numerosas mostram mais o seu poder e têm menos manifestações de afectividade em comparação com os pais de famílias mais reduzidas.

Há estudos que permitem concluir que existe uma correlação significativa entre a quantidade da interação exclusiva com os adultos (mais diminuta, obviamente, no caso de a criança ter irmãos) e o desenvolvimento da capacidade de adopção de diferentes perspectivas. Saliencia-se ainda a tendência revelada por muitos pais que possuem um único filho para promoverem brincadeiras com outras crianças a fim de o compensarem dos possíveis efeitos negativos decorrentes desse facto. A inter-relação promovida por estes pais funciona como um elemento facilitador da sua entrada no jardim-de-infância.

| Elsa Martins, *in* <http://www.redem.org/boletin/boletin300409c.php>

(Texto adaptado).